

OS TRABALHADORES AMERICANOS E A PALESTINA

O acôrdo anglo-americano sobre a Palestina apenas adia os mais urgentes problemas de sobrevivência dos judeus na Europa de após-guerra, enquanto traz novos motivos de conflito à crise aguda na Palestina e no Oriente Próximo árabe.

Um problema imediato e que precisa ser resolvido, é o de tornar possível que os judeus europeus ainda vivos tenham uma existência livre da ameaça do anti-semitismo, quer permaneçam na Europa, quer emigrem para outros países. Este é, apenas, um dos aspectos da questão da Palestina, e não é possível obscurecer os problemas mais importantes relativos ao Oriente Próximo, entre os quais a Palestina é sómente uma parte.

Melhores condições para o futuro dos judeus só são possíveis mediante o livre desenvolvimento de governos anti-fascistas, democráticos, nos países libertados, e sem que haja contra eles a intervenção dos anglo-americanos. A solução para o povo judeu, no momento, é a permanência na Europa.

Mas, num povo que foi sistematicamente dizimado pelos fascistas, há sem dúvida, uma parte que deseja emigrar. O passo seguinte a ser dado, portanto, é tornar possível a esse povo emigrar para as terras que menos sofreram com a guerra, onde irão ter uma oportunidade satisfatória para tentar uma existência mais feliz.

A América não foi atingida — É necessário lembrar que a Palestina não é o único lugar para onde os judeus desejam ir, nem é o único país que lhes pode oferecer uma oportunidade de vida melhor. Os Estados Unidos são, certamente, o país menos atingido pela guerra e tem recursos para receber e proporcionar conforto aos 100 000 judeus que o presidente Truman quer despachar para

Jornal Tribuna Popular
25 jan 1946

JAMES S. ALLEN

(Copyright INTER PRESS)

a Palestina e que os britânicos se recusam a receber.

A União Soviética acolheu um número muitas vezes maior que esse e deu ajuda e asilo durante todo o tempo que durou a guerra na Europa. Ainda mais, auxiliou os judeus na organização de uma pátria nacional em Birobijan, com um estatuto igual ao de todos os outros povos da União Soviética.

Os judeus que forem encaminhados para a Palestina devem estar de perfeito acôrdo com isso e os direitos deles devem ser respeitados em sua totalidade, pelas potências relacionadas com o caso, como também pelos estados árabes.

O assunto tornou-se tão "explosivo" porque os governos americano e inglês estão atacando os problemas dos judeus na Europa e o problema da Palestina, segundo pontos de vista inteiramente diferentes. A essência da atitude inglesa é manter sua posição dominante no Oriente Próximo, contra o movimento nacionalista árabe e, também, contra a intrusão dos Estados Unidos.

Por outro lado, a política americana consiste em tentar utilizar o movimento sionista, assim como a simpatia que o povo judeu em geral tem pelos seus irmãos, como meio de penetração no Oriente Próximo. A crescente insatisfação entre os sionistas e os outros grupos nacionalistas judaicos e a política de Truman é resultante de estarem os Estados Unidos procurando, simultaneamente, fundamentar sua influência nos círculos árabes reacionários e porque os americanos tendem cada vez mais a adotar os métodos tradicionais de atrair um grupo contra o outro.

O "periscópio" dos Estados Unidos — O

relatório apresentado recentemente pelo senador Brewster, republicano de Maine, onde se lê que a Palestina judaica deve ser um "periscópio" da política americana no Oriente Próximo, revela claramente os reais propósitos do imperialismo americano ao apoiar a causa do sionismo.

Outros fatos bem conhecidos, tais como o treinamento do exército da Saudi Arábia por uma missão militar americana e o aumento das inversões de capital no petróleo do Oriente Próximo, Saudi Arábia e Iran e o projeto de construção de um oleoduto, confirmam os objetivos dos grupos monopolistas americanos nessa área e os fins visados pela diplomacia dos Estados Unidos.

Como resultado do acôrdo anglo-americano, os problemas mais imediatos da emigração e assistência aos judeus devem aguardar o fim de outro inquerito interminável, durante o qual nada será feito para melhorar a atual situação.

Lucros dos monopólios — Sómente os grupos imperialistas americanos é que têm alguma coisa a ganhar; os Estados Unidos, de agora em diante, são considerados como tão responsáveis quanto a Inglaterra, e esta posição ficou bem clara no acôrdo estabelecido.

A Inglaterra ainda detém o mandato e, acima de tudo, controla militar da Palestina, e por tanto tempo quanto lhe seja possível manter a situação, e é com satisfação que ela divide a responsabilidade política com os Estados Unidos em virtude de um conluio moralmente reprovável.

A proposta de ser estabelecido na Palestina um mandato de Organização das Nações Unidas, perdeu seu valor como solução, por-

que a questão dos mandatos continua em suspenso. Em tais circunstâncias, a proposta anglo-americana constitui apenas uma fórmula comoda de fugir à responsabilidade de satisfazer os desejos dos judeus e dos árabes e um meio de tornar mais agudos os motivos de conflito.

Deve ser encontrada uma saída para as forças anti-fascistas, democráticas, da Inglaterra e dos Estados Unidos prestarem ajuda e encorajamento às forças progressistas existentes nas comunidades judaica e árabe para ser obtida uma solução unitária e coletiva. Um dos elementos mais valiosos nesse caso é a coexistência pacífica de judeus e árabes na Palestina, como informam os correspondentes locais.

Os nacionalistas extremistas judeus e árabes, em muitos casos atuando como instrumentos de uma das grandes potências, estão trabalhando no sentido de incitar conflitos e dar razão aos britânicos para outras demonstrações de força armada.

Crise explosiva — Não é o momento de fazer a transferência dos judeus da Europa para a Palestina, onde são cada vez mais agudos os elementos da crise provocada pelo conflito inter-imperialista.

A maior contribuição que o movimento trabalhista americano pode dar é no sentido de desenvolver rapidamente suas relações com os movimentos trabalhistas judeu e árabe no Oriente Próximo, relações que foram estabelecidas em Paris, no Congresso da Federação Mundial dos Sindicatos.

Juntamente com eles e com os sindicatos ingleses e franceses (que estão intimamente ligados devido a sua posição no Líbano e na Síria), poderá ser estabelecida uma frente comum em benefício das massas populares judaicas e árabes.